



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Alves da Silva, Márcia; Ribeiro Meira, Mirela
Por uma ética de integridade e produção de sentidos na atenção a adolescentes
infratores

EccoS Revista Científica, núm. 34, mayo-agosto, 2014, pp. 131-142
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71532890008>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

POR UMA ÉTICA DE INTEGRIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA ATENÇÃO A ADOLESCENTES INFRATORES

FOR AN ETHICS OF INTEGRITY AND PRODUCTION OF
DIRECTIONS IN WARNING TO OFFENDER ADOLESCENTS

Márcia Alves da Silva

Socióloga, mestre e doutora em educação. Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
prof.marciaalves07@gmail.com

Mirela Ribeiro Meira

Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora do mestrado em artes visuais do Centro de Artes da mesma Universidade.
mirelameira@gmail.com

RESUMO: Este texto refere-se a uma investigação e extensão acadêmica interdisciplinar que vem sendo coordenada pelas autoras no Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) da cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, e que visa problematizar os processos pedagógicos, éticos e estéticos com adolescentes em regime de privação de liberdade. Este estudo origina-se no campo das ciências sociais e busca dialogar com a arte e a educação, na tentativa de compreender a realidade da proteção especial a adolescentes no País. A proposta metodológica adotada abarca o universo das histórias de vida. Nossa intenção é captar as narrativas que visibilizam as histórias de vida dos jovens, a partir da organização e da gravação de encontros coletivos com os adolescentes abrigados. Nossa intervenção aposta nas oficinas de criação coletiva como desencadeadoras de uma nova ética de dignificação da vida, onde as produções deflagram o contexto do grupo, em nível de expressão, visto que as oficinas podem constituir um “texto” impregnado de significações e de sentidos que não podem ser desprezados enquanto fonte de dados.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Cidadania. Abrigamento. Arte-educação.

ABSTRACT: This text refers to an interdisciplinary academic research and extension that has been coordinated by the authors at the Centre for Socio-Educational Care (Case) in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, and aims to question the pedagogical, ethical and aesthetic processes with teenagers living in deprivation of liberty. This study originates in the field of social sciences and seeks to dialogue with the art and education in an

attempt to understand the reality of special protection to adolescents in the country. The methodology adopted includes the universe of life stories. Our intention is to capture the narratives that treat life stories of young people from the organization and recording collective meetings with teenagers housed. Our intervention bet on workshops as collective creation as triggering a new ethic of dignity of life, where the productions trigger the context of the group, its expression level, since the workshops can be a “text” imbued with meanings and senses that cannot be overlooked as a source of data.

KEY WORDS: Youth. Citizenship. Shelter. Art education.

Introdução

Esse texto refere-se a uma investigação interdisciplinar que vem sendo implementada pelas autoras no Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) da cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul. Visa contribuir com o debate educacional contemporâneo ao problematizar os processos pedagógicos, éticos e estéticos em aproximação com o abrigamento forçado e a Política Nacional de Execução de Medidas Socioeducativas do Brasil. De acordo com a legislação brasileira, os jovens infratores não estão sujeitos às mesmas leis penais que as pessoas adultas; no entanto, devem cumprir medidas socioeducativas, e os Cases são espaços onde os jovens, privados de liberdade, devem, além de cumprir com a penalidade, submeter-se a uma série de medidas que tenham como objetivo contribuir para seu desenvolvimento como pessoa e cidadão.

Pesquisar esta circunstância induz a perguntas, como, por exemplo, como a privação da liberdade, ou a experiência de abrigamento se reflete no dia a dia do trabalho social e educativo desenvolvido com os adolescentes, e qual o papel do pesquisador e do educador neste processo, uma vez que sua função é compreender e não julgar. Faz parte do desenvolvimento pessoal e social do jovem em conflito com a lei o processo de confrontação com sua realidade pessoal e social, e desse confronto vem a avaliação dos seus atos e suas consequências sobre o meio social e, sobretudo, sobre suas vítimas. Daí nasce a consciência responsabilizadora, sem a qual a especificidade da ação socioeducativa não se consuma. Sendo assim, o alvo da ação socioeducativa a ser implementada deve ser a de criar as condições para que o adolescente se sinta responsável não só por seu passado, mas também pelo seu presente e pelo seu futuro, e possa criar para si uma

possibilidade de vida, um projeto de existência (HEIDEGGER, 1995). Por isso consideramos fundamental que, além da medida legal cabível em cada situação, os jovens se relacionem com a dimensão pedagógica proporcionada pelo projeto.

Tendo em vista esta característica complexa e que exige a transcendência disciplinar, este estudo se origina no campo das ciências sociais para dialogar com a arte, a educação e a saúde, na tentativa de compreender a realidade da proteção especial a adolescentes em regime de privação de liberdade. Esta compreensão aposta nas dimensões pedagógica, estética e política proporcionadas pelo que denominamos oficinas de criação coletiva, como sendo espaços inventados como campo empírico de coleta de dados para esta pesquisa, como possibilitadoras /desencadeadoras de uma nova ética de dignificação da vida.

Para verificar se e como se dá esta ressignificação de valores, posturas, sentidos e estares, apostamos na construção de um campo de pesquisa que permita, a partir dos relatos dos abrigados e de suas produções, verificar-se as mudanças desencadeadas a partir das histórias de vida de seus participantes, a partir de seus relatos autobiográficos. Estas mudanças, quando ocorrem, podem gerar novas ordens de sentido que permitem a qualificação não só do trabalho lá desenvolvido, mas igualmente das existências dos adolescentes participantes.

Objetivamos desenvolver processos pedagógicos de gestão do cuidado em direção às suas cidadanias, sua emancipação, à construção de projetos de vida mais ricos, que se estendam para além da internação forçada. Para melhor atender a esta característica, a pesquisa ocorre concomitantemente a um projeto de extensão – **constituído das oficinas de criação coletiva** como um espaço laboral, criador e de educação – que permite a (re)definição dos papéis sociais, das identidades e das relações dos envolvidos. Este projeto de extensão constitui-se no campo onde a pesquisa colhe seus dados durante a realização das atividades e a nossa presença no espaço.

A participação social é um dos motores desse projeto, dado que o campo de observação não se separa da vida e adquire a feição de um espaço social intermediador da criação de significados e sentidos. Estes têm, na emocionalidade que impregna as relações, a possibilidade de consideração do outro como um legítimo outro na convivência (MATURANA, 1998), conjurando um movimento de (re)constituição da integridade e da inte-

gralidade entre sentir, pensar e agir. As oficinas de criação coletiva – que se desdobram em direção à interdisciplinaridade de práticas para este fim – constituem-se, entre outras coisas, num espaço de trocas, afetos, diálogos e exercício de conflitos. Em suma, um espaço de desenvolvimento de compreensão, sentido, criação e interlocução.

Construindo cidadania

Como se percebe, este estudo visa à criação de um espaço de troca, interlocução e convivência que contribua para um processo emancipatório, de cidadania e construção de saberes produtores de sentido com os protegidos, no qual suas narrativas permitam o diálogo entre diferentes perfis de conhecimentos, saberes, identidades e relações. Esta narrativa é enriquecida com suas produções expressivas, dados sensíveis que aglutinam aspectos éticos, epistemológicos, estéticos e de entrecruzamento de saberes científicos e populares.

O trabalho se volta a uma pedagogia de formação da pessoa como um todo – o cidadão – **unindo as dimensões intelectuais e sensíveis comprometidas** no sentido de responsabilidade para consigo mesmo e com os outros. Longe de adotarmos uma postura moralista ou revolver os acontecimentos que os trouxeram à situação de abrigado, privilegiamos antes de tudo a criação de condições de autoconhecimento, compreensão, convivência, transformação e alternativas de uma vida mais qualificada.

Portanto, nossa proposta visa fomentar um processo de produção de significados e sentidos como forma de (re)valorização dos participantes, de estímulo às suas criações, de revitalização pelo exercício do imaginário, de (re)qualificação da experiência. Apostamos que a “visitação” às suas próprias trajetórias e às (re)identificações possíveis podem permitir outra consciência, não só política ou cognitiva, mas relacional, ética, estética e artística, uma vez que a arte proporciona saberes específicos que necessitam da experiência, mesmo em situação de abrigamento.

Adotamos esta postura por entender que, ao longo do século XX, o paradigma do educando como objeto passivo de intervenção deu lugar à condição de sujeito fonte de iniciativa e direitos, compromissado com a condução de seu processo de desenvolvimento pessoal e social. Dotado de

iniciativa e protagonismo de ações, gestos e atitudes no contexto da vida familiar, escolar ou comunitária, responsabiliza-se por seus atos, como consequências de escolhas próprias, mesmo sabendo que essas escolhas não são, muitas vezes, fonte de decisões individuais, mas o resultado de um contexto social e histórico mais amplo, que constrói as desigualdades e a exclusão. Mesmo assim, acreditamos no protagonismo desses jovens, apostando na possibilidade de esses se “apropriarem” de suas próprias vidas e de suas escolhas para o futuro.

A proposta metodológica adotada

O projeto envolve diretamente acadêmicos da UFPel, de várias áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar, agregando estagiários, bolsistas e voluntários, que poderão contemplar, a longo prazo, o maior número possível de atividades.

Um dos objetivos centrais de nossa intervenção é compreender como se dá o processo de formação, trocas e convivência dos investigados, fazendo uso da abordagem denominada por Marie-Christine Josso (2004) de “narrativas biográficas temáticas”. Trata-se de perceber o processo investigativo como parte de toda uma trajetória de vida dos envolvidos – seus afetos, seus desejos, suas expectativas, seus valores –, acrescida do fato do processo de pesquisa nessa perspectiva poder se constituir em uma oportunidade para se refletir sobre sua trajetória, na expectativa de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente. Portanto, a proposta metodológica abarca o universo das histórias de vida. Colhemos as narrativas que visibilizam histórias de vida a partir da organização e da gravação de encontros coletivos com os adolescentes abrigados no Case/Pelotas em regime de privação de liberdade. Como também estamos lidando com o universo estético, a partir da implementação das oficinas de criação coletiva, as produções deflagram indagações trazidas pelo grupo, a nível de expressão, visto que as oficinas podem constituir um “texto” impregnado de significações e de sentidos que não podem ser desprezados enquanto fonte de dados. Os resultados das oficinas de *ToyArt2*, realizadas durante o ano de 2012, foram um exemplo disso, onde os jovens concretizaram, na confecção dos bonecos, seus sentimentos, suas aspirações e também suas angústias.

Adotamos aqui a perspectiva da arte enquanto criação coletiva, de formatividade, como possibilidade expressiva, de reorganização da matéria, constituindo-se num processo pedagógico que atua em direção à compreensão, caracterizando uma dimensão de cuidado (HEIDEGGER, 1995). Neste sentido, é uma geradora de possibilidades para a construção de projetos de vida dos participantes, e o fato de estar em situação de abrigamento/internação não muda seu caráter de provedora de sentido, catarse, trabalho, expressão e até terapia. Conjura um campo maior de possibilidade que se configura enquanto educação estética.

A educação estética abrange a arte e seus processos, sendo mais ampla, por incluir o caráter existencial e de construção de sentido. Considera o respeito à produção ética, de convivência, estética e artística, construídas e compreendidas na medida em que constituem a organização do “eu” nas relações com o mundo social e o mundo do trabalho, e não na proporção em que objetiva a produção de “belas” obras. Refina os sentidos e, ao ser uma produção simbólica humana carregada de valores, induz a um pensar ético, constituído em *relação*. As formas, processos, imagens, produções e movimentos resultantes das oficinas de criação coletiva, então, podem ser possibilidades de aprendizagem, afeto, (in)formação, transformação da circunstância em sabedoria de vida, colhida diretamente das expressões de seus participantes. É assim um material precioso para o pesquisador em termos de retornos que a universidade pública possa dar às pessoas com as quais dialoga.

A partir dessa perspectiva, propomos que a educação estética abra possibilidades para que as abordagens autobiográficas e de criação coletiva aflorem no próprio processo de produção, do fazer e, dessa forma, as oficinas se constituam em espaços de encontro, de onde brotam histórias de vida. Assim, podem ampliar referenciais pedagógico-existenciais, reflexivo-sensíveis e laborais, através da pesquisa e da extensão, o que acaba por fortalecer a graduação.

As oficinas de criação coletiva, que constituem um projeto de extensão dentro da pesquisa, são espaços de coleta de dados empíricos, sensíveis e expressivos das histórias tecidas junto com os trabalhos dos adolescentes. O ensino de arte pode, de um lado, trabalhar a cultura artística, conhecimentos externos ao fazer, sobre arte, como história da arte, composição visual, cor, forma, história em quadrinhos, etc.; por outro lado, a experiê-

cia estética que ela proporciona é imprescindível para viver os processos da arte em nossos corpos, dando forma a sentimentos e pensamentos. Neste processo de criação, a *forma* pode ser uma ideia, um símbolo ou material, como lá, papel, tecido, confecção de histórias em quadrinhos, um jogo de futebol. O objetivo não é “formar artistas”, mas proporcionar meios expressivos e criadores que operam tanto no campo existencial quanto no artístico, ético, estético e político. Esta noção aproxima arte e estética enquanto trabalho criador.

Se muda minha maneira de ver o mundo, muda o mundo, afirma Maturana (1998). Nesse sentido, o que é trabalhado nas oficinas de criação distancia-se radicalmente do que tradicionalmente se conhece por arte enquanto “terapia ocupacional”, “artesanato” ou “terapia”. A arte tem validade como campo gerador de significância e sentido, que permite esta transformação de mundo, mas também proporciona conhecimentos e possibilidades emancipatórias, além da compreensão do papel que cada um destes adolescentes tem na construção social. A criação coletiva é uma espécie de matéria viva que transforma a estética da existência em uma ética do estar-junto-com-os-outros-no-mundo. Experimentar em comum “[...] suscita um valor, é vetor de criação [...]” e, assim, pode “a potência coletiva” criar “[...] uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades [...]” (MAFFESOLI, 1996, p. 28).

Dessa forma, buscamos desenvolver os processos pedagógicos através de metodologias criadoras, para garantir que o estético, o artístico e o criador sejam abastecedores e/ou enriquecedores das interações sociais na formação destes adolescentes. Isso justifica promover a expressão pessoal/grupal através do contato e ressignificação de suportes, processos, materialidades e poéticas da arte, além da circulação de saberes e da revitalização dos envolvidos, instrumentalizando-os, a partir de suas práticas, a trabalhar com materiais alternativos e criar novos, para qualificar o trabalho que já realizam, compreendendo-o e enriquecendo-o.

A educação em arte aglutina o estético e o artístico na produção simbólica carregada de valores que pensam a natureza do humano que somos. O pensar, o sentir e o agir em educação e fora dela não podem ser senão um pensar ético, constituído desde um *ser e estar de presenças em relação*. As formas, processos, imagens, produções e movimentos resultantes das oficinas de criação são utilizadas como uma espécie de

“laboratório”, na pesquisa, podem ser possibilidades de aprendizagem, afeto, (in)formação. Sabedoria de vida colhida diretamente das expressões de seus participantes, um material precioso para o pesquisador em termos de retornos que a universidade pública possa dar às pessoas com as quais dialoga.

Malvina Dorneles (2006) refere-se ao desafio que tem sido pesquisar em educação a partir de processos que explorem o (des)conhecido, contextualizando, por aproximação, o que se sabe: “[...] inventar uma cartografia resultante desse reconhecimento, buscar os possíveis, traçar outros itinerários e, assim, a identificação de novas configurações e de sua interpretação”. Para tanto, nosso olhar necessita ser um olhar curioso, perscrutador, que tome o mundo “[...] desde a multiplicidade das práticas ético-político-institucionais e *estético-afetivo-existenciais* que amparam e orientam a organização e gestão da educação, em suas diferentes dimensões e manifestações” (DORNELES, 2006). O desafio, para esta autora, estaria em atualizar

[...] as disposições ético-estético-afetivas de uma idéia de mundo aberta a novas possibilidades. Este é o grande desafio teórico-metodológico e conceitual que se apresenta à Pesquisa em Educação: como surpreender o dinamismo da vida em ação no vivido, captar-lhe a inteligência, dar conta da lógica interna que percorre, por vezes de modo desordenado, os pequenos atos criativos vividos dia a dia? como aceitar, pelo que é, a constatação provocadora da evidência do objeto, da profundidade das aparências, das verdades do senso comum, da experiência existencial do estar-junto que confere primazia emocional ao laço social? como ser tomado e deixar ver os acontecimentos, as mutações, as inovações, tudo o que se deixa ver, para além de todos os *a priori* legitimadores, indicativos e normativos do ser do mundo e do dever ser do estar social? (DORNELES, 2006).

O processo pedagógico contido na educação através da arte dirige-se a esta experiência de estar-junto construindo saberes que permitem sua qualificação no mundo e no trabalho. Suas categorias de análise

necessitam de um equilíbrio entre o intelecto e o afeto vivido no *senso comum*, estigmatizado durante a modernidade e presente no *pensamento orgânico das sociedades tradicionais*. Razão e sensibilidade apontam uma globalidade *incontornável*, para Maffesoli (2005), que necessita ser integrada se quisermos dar conta da sensibilidade social emergente.

Como metas de pesquisa, estão sendo realizadas atividades reunidas em torno de um processo metodológico, aqui denominado de oficinas de criação coletiva. Estas poderão se desdobrar, de acordo com o desejado pelos adolescentes, em:

- a) oficinas de arte: música (canto, instrumento, coral), artes visuais (pintura, escultura, desenho), teatro (montagem de espetáculos) e dança (oficinas de Hip Hop, *Street dance*), artesanato (oficinas laborais diversas);
- b) oficinas de educação física: judô, artes marciais, esportes diversos;
- c) grupos de estudo: englobando temas diversos da atualidade;
- d) oficinas de leitura literária, com ênfase em autores brasileiros contemporâneos;
- e) sessões de conversas sobre problemas diversos;
- f) oficinas de cinema, com rodas de conversas sobre filmes de interesse do grupo;
- g) oficinas de narrativas (histórias de vida) para pesquisar as trajetórias de vida dos adolescentes, com aplicação da metodologia da pesquisa formação;
- h) oficina de produção de história em quadrinhos;
- i) outras oficinas e/ou grupos a serem eleitos pelos participantes.

A “visitação” dos jovens às suas próprias trajetórias (advindas tanto das narrativas das trajetórias vividas como das oficinas de criação coletiva) pode permitir outra consciência, não só política ou cognitiva, mas relacional, ética, estética e artística, uma vez que a arte proporciona saberes distintos dos racionais. Espera-se um florescimento, um amadurecimento enquanto seres humanos, para que, dessa forma, possam planejar seu futuro e qualificar sua atuação nos mais diversos espaços sociais nos quais atuam em seu cotidiano.

Nessa investigação percebemos o “biográfico” como uma das formas privilegiadas de reflexão, de forma que o ser humano se representa e comprehende a si mesmo em seu ambiente social e também histórico. É uma categoria da experiência que permite às pessoas envolvidas estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos em um “todo”, historicamente situado no tempo e no espaço. Aqui aparece a concepção de “escrita de si”, abordada por Christine Delory-Momberger (2008), que a define como se tratando de uma atitude primordial e específica do vivido humano onde, mesmo antes de deixar qualquer marca escrita sobre sua vida, antes de qualquer expressão de sua existência em formas escritas concretas, como diários, memórias, correspondências, etc., o ser humano “escreve” sua vida. Dessa forma, “[...] a percepção e o entendimento do seu vivido passam por representações que pressupõem uma figuração do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento singular” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

No entanto, a autora salienta que esses acontecimentos não são criações espontâneas, advindas unicamente da iniciativa individual, mas trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nas formas de relação das pessoas consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem. Portanto, precisamos ter claro que os processos de individualização e socialização são duas faces da mesma moeda numa concepção biográfica de pesquisa educacional. É dessa forma que perceberemos as narrativas autobiográficas que têm aflorado no decorrer da investigação.

A utilização da pesquisa autobiográfica faz uso de narrativas que materializam e trazem à tona as experiências vividas. Josso (2004, p. 48) diz que “[...] vivemos uma infinidade de vivências, estas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido”.

A mediação do trabalho biográfico que leva à narrativa permite trabalhar com um material constituído por recordações consideradas pelos narradores como “experiências” significativas das suas aprendizagens e das representações que construíram de si mesmos e do seu contexto social. Essas experiências são significativas em relação aos questionamentos

que orientam a construção da narrativa, como a autoconstituição do que se é hoje.

Considerações finais

É pela palavra e pela atividade de rememoração que o sujeito da pesquisa não apenas revela a sua opinião, mas encontra a oportunidade de indagar a si próprio sobre o que lhe é perguntado. As questões de pesquisa passam a ser perguntas para que o sujeito possa pensar, lembrar, relacionar fatos e conscientizar-se, mesmo que essa tomada de consciência seja algo provisório e que seja questionado mais adiante.

Dessa forma, a realização de encontros coletivos com o grupo de jovens é mais do que um momento de coleta de dados, é um momento de reflexão e, como toda a reflexão, é um contexto de construção da consciência política e social dos sujeitos envolvidos.

Portanto, nessa perspectiva metodológica, o processo de investigação não trata simplesmente de descrever os elementos que compõem o objeto da pesquisa, mas de apreendê-los historicamente em seus processos, numa totalidade que não se reduz a uma descrição de sua composição, mas se refere a um todo significativo que apreende o objeto como expressão de sujeitos humanos em determinadas condições históricas. Por isso, talvez seja adequado termos cautela na utilização do termo “objeto”, compreendendo que ele está carregado de significação que o coloca em situação de inércia e neutralidade.

Enfim, nessa concepção de pesquisa nasce a possibilidade de respeito e diálogo entre diferentes perfis de conhecimento. Aqui, saber científico e saber popular não se sobrepõem um ao outro, mas complementam-se nas suas especificidades. Perceber isso é condição fundamental para se compreender a pesquisa como um ato educativo.

Buscamos como resultado que a investigação proposta venha a contribuir num processo emancipatório para os envolvidos, que essa “visitação” às suas próprias trajetórias contribua para uma ressignificação e um amadurecimento enquanto seres humanos, formando um processo de consciência desses jovens de suas próprias trajetórias para que, dessa forma,

eles possam planejar seu futuro e qualificar sua atuação nos mais diversos espaços sociais nos quais atuam ou venham a atuar em seu cotidiano.

Notas

- 1 Conforme orientações do documento *Por uma política de execução de medidas socioeducativas*, da Secretaria Especial de Direitos Humanos (BRASIL, 2006).
- 2 O *ToyArt* é um movimento da arte contemporânea direcionada mais especificamente ao público adolescente e adulto. Caracteriza-se como um “brinquedo de arte”, conforme o próprio nome indica, sendo bonecos – de diversos materiais – utilizados basicamente como decoração e não exatamente feitos para brincar; contudo, relembram a época da infância pelo caráter lúdico. O *ToyArt* circula por vários âmbitos temáticos, indo do meigo ao violento, podendo ter caráter crítico, político, cômico, irônico, ser uma sátira ou crítica social a alguma situação. No Case, a oficina teve como resultado produções de *toys* pelos adolescentes abrigados.

Referências

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Por uma política de execução de medidas socioeducativas*. Brasília, DF, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DORNELES, Malvina. *Disposições ético-estético-afetivas e desafios teórico-metodológicos na pesquisa em educação*. Trabalho apresentado na 26^a Reunião da ANPED, 2006.

Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/ourostextos/semalvinadorneles.doc>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. v. I e II. 15.^aed. Petrópolis: Vozes, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *O Eterno Instante*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MATURANA, Humberto. *Linguagem e Emoções na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

Recebido em 26 jul. 2013 / Aprovado em 10 abr. 2014

Para referenciar este texto

SILVA, M. A.; MEIRA, M. R. Por uma ética de integridade e produção de sentidos na atenção a adolescentes infratores. *EccoS*, São Paulo, n. 34, p. 131-142, maio/ago. 2014.